



RELATÓRIO ESPECIAL

Eleições Legislativas Portugal 2015: À procura da governabilidade

Lisboa, outubro 2015

d+i desenvolvendo
ideias
LLORENTE & CUENCA

1. AS 5 IDEIAS-CHAVE DAS ELEIÇÕES

1. AS 5 IDEIAS-CHAVE DAS ELEIÇÕES
2. AS ELEIÇÕES ANALISADAS POR EXPERTS: JAIME NOGUEIRA PINTO, ANDRÉ MACEDO
3. BIOGRAFIA PRIMEIRO-MINISTRO
4. RESTANTES PROTAGONISTAS AUTORES

1. Na noite eleitoral, Pedro Passos Coelho afirmou querer avançar com a formação de governo, através da coligação de centro-direita Portugal à Frente (PàF: PSD+CDS/PP), legitimado pelas eleições legislativas que venceu, obtendo maioria relativa. Este cenário exige consensos e irá obrigar a procurar entendimentos com outros partidos, seja para viabilizar o programa de governo, quer seja para os restantes temas. Abre-se assim a porta a negociações ao longo da XIII legislatura. Outro aspeto a destacar é o facto de, no conjunto de países alvo de intervenção financeira, Portugal ter sido o único onde os partidos do governo venceram as eleições. Concretamente, a Coligação venceu, mas comparativamente com as Legislativas de 2011 perdeu 25 deputados na Assembleia da República e passou assim de 129 para 104.
2. O segundo maior partido, PS (Partido Socialista), foi o grande derrotado da noite eleitoral, ficando a seis pontos de distância da coligação. Embora o PS tenha perdido as eleições, comparativamente com 2011 aumentou o número de deputados, passando agora de 74 para 85. Na sequência desta derrota, o PS vai agendar um congresso para definir a estratégia e liderança do partido, em princípio, em janeiro de 2016.
3. A até agora quarta força política, o Bloco de Esquerda (BE), foi a grande 'revelação' da noite eleitoral, tornando-se neste momento o terceiro partido mais votado em Portugal e ultrapassando o Partido Comunista Português, tanto em votos, como em mandatos. Obteve 10.22% dos votos, correspondente a 19 deputados eleitos e desta forma mais do que duplicou o resultado de 2011, ano em que elegeu 8 deputados para a Assembleia da República.
4. Em Portugal há um novo partido com assento na Assembleia da República - esta é a segunda grande 'revelação' da noite de 4 de outubro: Chama-se PAN – Pessoas-Animais-Natureza, nasceu em 2009, apresentou candidatura pela primeira vez nas Legislativas de 2011 e agora em 2015 elege o primeiro deputado. Curiosamente, foi o único pequeno partido capaz deste feito, tendo passado de 1,04 % dos votos do eleitorado para 1,39 %, o suficiente para garantir lugar no Parlamento.
5. No final do dia 6 de outubro o Presidente da República recebeu o líder da coligação PàF e posteriormente comunicou ao país que encarregou Pedro Passos Coelho de dialogar com os restantes partidos políticos, em particular com o PS, o segundo mais votado, de forma a chegar a acordo e constituir um governo estável e duradouro.

“Entre o final de outubro e o início de novembro, deverá haver um governo formado e pronto a governar”

O chefe do Estado, Cavaco Silva, afirma que este é “o tempo do compromisso”, necessário entre os diferentes partidos. Mantém assim o seu apelo à maturidade e à capacidade de diálogo e de negociação destes, fundamental em regimes democráticos, para que haja estabilidade política para Portugal e estabilidade financeira para os credores. Na sua comunicação na noite do dia 6, reforçou também a necessidade do futuro governo de respeitar os compromissos internacionais, concretamente, a permanência na NATO, na União Europeia e na zona Euro.

O Presidente da República não pode nomear o Primeiro-Ministro antes da publicação dos resultados oficiais em Diário da República, que acontece após o apuramento geral definitivo dos resultados. Este apuramento geral decorre dez dias depois do

ato eleitoral, portanto, apenas a partir de 14 de outubro.

A título de exemplo, em 2009 o Governo tomou posse 29 dias depois das eleições, e em 2011, o governo tomou posse 16 dias depois.

Entre o final de outubro e o início de novembro, deverá haver um governo formado e pronto a governar.

2. AS ELEIÇÕES ANALISADAS POR EXPERTS: JAIME NOGUEIRA PINTO, ANDRÉ MACEDO

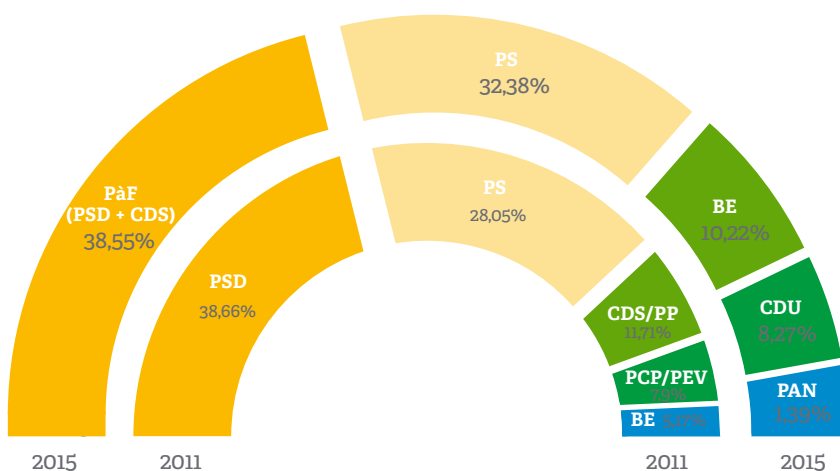
JAIME NOGUEIRA PINTO: ELEIÇÕES LEGISLATIVAS EM PORTUGAL - RESULTADOS E CONSEQUÊNCIAS

As eleições legislativas do dia 4 de Outubro trouxeram surpresas e contradições e deixaram interrogações sobre a governabilidade do país.

Os Factos: A primeira surpresa foi, após quatro anos de dura austeridade, a coligação de centro-direita, Portugal à Frente (PàF), formada pelos partidos PSD e CDS e liderada por Passos Coelho e Paulo Portas, ter conseguido ser a força mais votada, com 38 % dos sufrágios e 104 dos 230 lugares no Parlamento (ainda sem a atribuição dos quatro lugares da Emigração).

Embora as sondagens nas últimas semanas indicassem esta tendência, não era assim no princípio do Verão. A campanha eleitoral fez a diferença. O Partido Socialista (PS), com

Gráfico 1. Percentagem de votos em 2015 e em 2011



Fonte: 2015: SIC online /2011: CNE-Comissão Nacional de Eleições

cerca de 32,4 % dos sufrágios e 85 lugares, ficou muito aquém das expectativas. O PS é um partido de tradição social-democrata e europeísta, às vezes com uma retórica “de esquerda”.

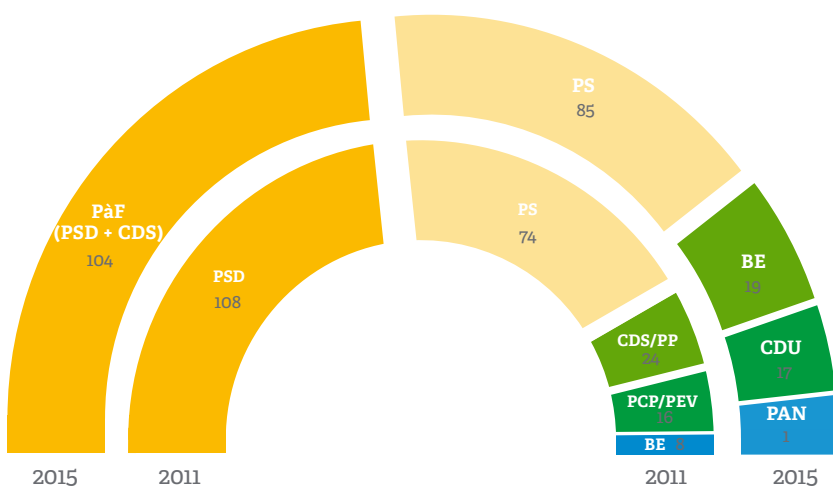
Na campanha, o seu líder, António Costa, antigo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, dando por adquirido o centro-esquerda, abusou de um esforço retórico para captar o voto útil à esquerda. Mas falhou nesse propósito. Outra surpresa veio do Bloco de Esquerda, um partido fundado em 2000 por trotskistas, marxistas radicais e dissidentes do PCP. O BE segue uma linha de revolucionarismo utópico, anti-Europa e anti-Globalização, do tipo Podemos ou Syriza. O seu êxito foi ter fixado o voto da esquerda ideológica, desviando-a do “voto útil” no PS que, por ser

europeísta, seguiria necessariamente uma política idêntica à da coligação PSD-CDS.

Ganhou também com o protagonismo das líderes Catarina Martins e Mariana Mortágua. Com mais de 10 %, cerca de 550.000 votantes, alcançou o seu melhor resultado de sempre, duplicando o número de votos e conquistando 19 lugares no Parlamento (tinha 8).

Isto foi mau para o PS mas também para o PCP, o Partido Comunista Português, concorrendo na coligação CDU, com os Verdes. O PCP é um partido marxista ortodoxo que, pela primeira vez, é ultrapassado pela esquerda radical; seguiu sempre uma linha inspirada no leninismo soviético e conseguiu escapar ao destino dos partidos comunistas da Itália, França e Espanha. Apesar de ficar atrás do BE (uma humilhação simbólica), ganhou um deputado, passando de 16 para 17, e teve cerca de 8,3% do voto popular.

Gráfico 2. Número de deputados eleitos em 2015 e em 2011



Fonte: 2015: SIC online /2011: CNE-Comissão Nacional de Eleições

As Consequências: Os resultados criam problemas sérios à governabilidade, que vai depender tanto dos vencidos como dos vencedores. Isto porque quem ganhou – a coligação PàF – perdeu (em termos de votos e lugares em relação às eleições de 2011) e quem perdeu, ganhou. A coligação está em minoria relativamente a uma eventual coligação de todos os outros – PS, BE e CDU. Mas essa será uma coligação negativa, pois toda a tradição do PS é anti Frente-Popular e os comunistas nunca

“Este ceticismo está também bem patente na abstenção com 43 %, a maior percentagem desde sempre em Eleições Legislativas”

integrarão um governo PS. O BE poderia fazê-lo e a CDU poderia viabilizá-lo no Parlamento, mas isso também iria, não só contra a tradição do PS, mas também contra a vontade da maioria do seu eleitorado – e António Costa não é um líder de rupturas.

De qualquer modo, depois da agressividade desenvolvida na campanha contra a coligação, não será fácil para o PS um compromisso do tipo “bloco central”, apoiando o governo PSD-CDS, ainda que só circunstancialmente.

É natural que o Presidente Cavaco Silva convide Passos Coelho a formar governo, mas o governo ficará dependente do PS a prazo e em última instância, como a votação do Orçamento. Costa decidiu manter-se como líder, apesar do insucesso relativo de 4 de Outu-

bro, mas os críticos dentro do PS já pediram um Congresso. Por isso também Costa é refém da sorte e das suas incógnitas.

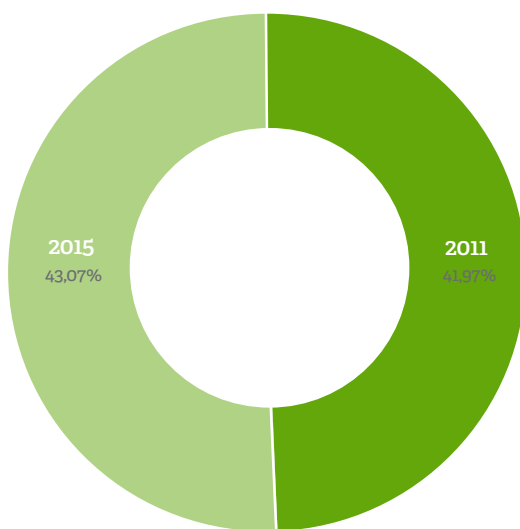
A esquerda radical – BE e PCP – tem a sua maior representação parlamentar desde há muitas legislaturas, com quase 20 % de sufrágios populares, que, somados com os pequenos partidos esquerdistas, chegam quase aos 25 %. Ganhou com o facto de na Grécia a esquerda de Tsipras acabar por fazer a política ditada pela Troika, o que introduziu mais ceticismo quanto ao valor do contrato eleitoral em países cuja pertença à Europa, ao Euro e à dependência da Dívida, colocam em soberania reduzida.

Este ceticismo está também bem patente na abstenção – que, com 43 %, a maior percentagem desde sempre em Eleições Legislativas, foi para muitos a grande vencedora de 4 de Outubro.

ANDRÉ MACEDO: UM PAÍS PARA INVESTIR

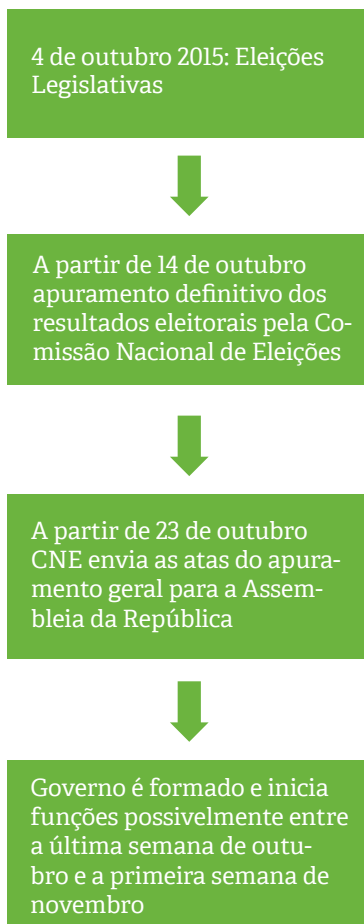
O melhor resultado para Portugal seria o que permitisse a eleição de um governo de maioria absoluta, capaz de aprovar os próximos orçamentos do Estado e assim garantir a estabilidade política necessária para que o pós-troika se transforme finalmente em memória – portanto, uma desgraça para não esquecer –, mas já não em ameaça constante. Não foi isso no entanto que os portugueses decidiram no dia 4 à noite numa das eleições mais importantes dos últimos anos.

Gráfico 3. Percentagem da abstenção em 2015 e em 2011



Fonte: 2015: SIC online /2011: CNE-Comissão Nacional de Eleições

Gráfico 4. Cronograma pós eleições



Ainda assim, Passos Coelho e Paulo Portas, líderes da coligação de centro-direita, ganharam as eleições e com boa vantagem. Há um ano, talvez até há menos tempo, seria impensável arriscar este resultado. Nenhum governo europeu que teve a ingrata tarefa de implementar as políticas da troika, os famosos homens de negro, conseguiu ser reeleito. Daí que seja justo sublinhar a enorme capacidade política do PSD (Partido Social Democrata) e do CDS (Centro Democrático e Social), capazes de ganhar depois de quatro anos difíceis, quase de chumbo, por causa do resgate financeiro a que Portugal foi submetido em 2011.

Ainda assim o resultado final é insuficiente para que valha sozinho no Parlamento. Será necessário algum tipo de acordo partidário, mesmo que pontual e apenas ténue, para que o programa de governo passe na Assembleia da República e abra então o caminho ao Orçamento de 2016 – peça essencial para o país não se precipitar de novo para debaixo do inclemente camião dos mercados.

António Costa, ainda líder do Partido Socialista, não excluiu ontem totalmente esta possibilidade – um acordo pontual com o centro-direita –, embora tenha deixado claro que cobrará alguma coisa por isso. Se for muito ambicioso, isto é, se pensar que está em condições de exigir tudo e um par de botas ao próximo Governo, estará a penalizar o país – a pô-lo em risco – e a subverter o sentido

das eleições de ontem: ele perdeu, Passos e Portas ganharam.

António Costa, mais do que nunca, deve ser prudente e não excluir nada, deixando a Passos Coelho e a Paulo Portas a liderança política deste processo, porque foi isso que os portugueses claramente votaram. Na noite de domingo dia 4, o primeiro-ministro português fez o discurso certo, no tom certo e com a abertura certa. Esteve à altura das circunstâncias e percebeu o essencial: apesar de ter ganho, como não tem a maioria dos deputados no Parlamento terá de negociar e construir pontes. Foi isso que ele já começou a fazer escolhendo as palavras adequadas para celebrar a vitória – sem triunfalismos e com os pés bem assentes na terra.

É provável que este Governo de liberais tenha duração curta, um ano, talvez não mais, porque a vida dos executivos minoritários tem rastilho curto em Portugal. Mas até lá há muito a fazer. Assegurar a aprovação de um Orçamento do Estado capaz de cumprir as metas europeias em 2016 e relançar a economia são os dois grandes objetivos. Se Passos Coelho for capaz de encestar essas duas bolas, Portugal continuará a ser um destino interessante para os investidores, até porque com esta eleição ficou garantido que os impostos sobre os lucros das empresas vão manter a tendência de queda, juntando-se assim ao grupo dos fiscalmente mais competitivos

da União Europeia. Ora isso não é tudo, mas já é qualquer coisa. Definitivamente, Portugal não é a Grécia.

3. BIOGRAFIA DO PRIMEIRO-MINISTRO

PEDRO PASSOS COELHO



Pedro Manuel Mamede Passos Coelho tem 51 anos, nasceu em Coimbra, a 24 de julho de 1964. Viveu até aos 9 anos em

Angola e passou a sua adolescência em Vila Real, na região norte de Portugal. Casado, é pai de três filhas e reside em Sintra, Grande Lisboa. É licenciado em Economia pela Universidade Lusíada de Lisboa.

Atividade Política

Presidente do partido de centro-direita PSD, Passos Coelho é também apoiante do possível futuro candidato à presidência da República, o social-democrata Marcelo Rebelo de Sousa.

Desde cedo envolvido na política, entrou para a Juventude Social Democrata – JSD em 1978 e durante cinco anos, entre março de 1990 e dezembro de 1995, foi presidente da JSD, e a pessoa que mais tempo esteve nesta liderança. Em 1991 desempenhou as funções de Vice-Presidente e Porta-Voz do Partido Social Democrata - PSD na Assembleia da República.

Entre 1997 e 2001 foi Vereador na Câmara Municipal da Amadora e durante este período fundou o Movimento Pensar Portugal. Na última década conciliou a gestão

de empresas, dos setores energético e do ambiente, com a docência e a presidência da Assembleia Municipal de Vila Real.

Em 2008 fundou a Plataforma de Reflexão Estratégica Construir Ideias para a análise e debate dos grandes temas da agenda política nacional.

Em 2010 foi eleito Presidente do PSD.

Tomou posse como Primeiro-Ministro do XIX Governo Constitucional em 21 de junho de 2011, após o resultado das eleições legislativas antecipadas, realizadas em 5 de junho do mesmo ano, marcadas na sequência da demissão do então primeiro-ministro José Sócrates.

4. RESTANTES PROTAGONISTAS

ANTÓNIO COSTA



António Luís Santos da Costa nasceu a 17 de julho de 1961. É casado e tem dois filhos, e reside em Lisboa. É filho do

escritor Orlando da Costa, de ascendência goesa católica e francesa. É licenciado em Ciências Jurídico-Políticas pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, e pós-graduado em Estudos Europeus, pela Universidade Católica de Lisboa. Tem como profissão advogado e é o secretário-geral do Partido Socialista – PS, desde novembro de 2014.

Atividade Política

Foi derrotado nas eleições de 4 de outubro e na noite de dia 6 reuniu na sede do Partido, com os deputados eleitos pelo PS, assim com a Comissão Política nacional para analisar os resultados e as respetivas consequências. Paralelamente, foi abordado o agendamento do congresso do PS, cuja data está ainda em aberto, sendo que deverá acontecer após as eleições presidenciais, em janeiro de 2016.

António Costa integrou a Juventude Socialista - JS e mais tarde tornou-se militante do Partido Socialista.

Entre 1982 e 1993 foi deputado à Assembleia Municipal de Lisboa; em 1991 tornou-se deputado à Assembleia da República na VI Legislatura e, na legislatura seguinte, foi reeleito. Entre 1987 e 1990 foi também membro do Secretariado Nacional do Partido Socialista, voltando novamente a integrar esse organismo a partir de 1994.

Integrou o XIII Governo Constitucional de Portugal, liderado por António Guterres, inicialmente como secretário de Estado e a partir de 1997, como ministro dos Assuntos Parlamentares. Manteve-se no governo seguinte como ministro da Justiça, cargo que ocupou até 2002. Entre 1997 e 1999 acumulou a pasta dos Assuntos Parlamentares com a organização da Expo 98, sendo assim um dos responsáveis pelo sucesso do evento.

Entre 2001 e 2004 chefiou o Grupo Parlamentar do Partido Socia-

lista. De 2004 a 2005 esteve no Parlamento Europeu como euro-deputado e vice-presidente.

Com a vitória de José Sócrates, António Costa assumiu a pasta de Ministro de Estado e da Administração Interna, 2005 e 2007, altura em que abandonou a função, para se candidatar e vencer as eleições autárquicas da Câmara Municipal de Lisboa – um dos cargos que maior visibilidade lhe deu e que exerceu entre 1 de agosto de 2007 e 6 de abril de 2015, saindo para se apresentar como candidato a primeiro-ministro.

PAULO PORTAS



Paulo de Sacadura Cabral Portas nasceu em Lisboa a 12 de setembro de 1962. Foi jornalista em vários órgãos de comunicação social, tendo fundado em 1988 o semanário «O Independente». Fundou e dirigiu um centro de sondagens. É licenciado em Direito pela Universidade Católica Portuguesa, na qual foi docente de História do Pensamento Político. É o atual presidente do CDS-PP – Partido Popular e membro do governo de Portugal, sendo vice-primeiro-ministro, através da coligação de centro-direita 'Portugal À Frente'.

Atividade Política

É atualmente membro do Governo, na coligação PSD/CDSPP, sendo viceprimeiro-ministro, e atual presidente do Partido Popular CDSPP.

Paulo Portas foi presidente do CDSPP entre 1998 e 2005 e desde 2007 deputado à Assembleia da

República nas legislaturas de 1995, 1999, 2002, 2005, 2009 e 2011, tendo sido membro das Comissões Parlamentares dos Negócios Estrangeiros e de Defesa. Foi líder do Grupo Parlamentar do CDS/PP de 1999 a 2001.

Até 24 de julho de 2013 foi ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros do atual Governo; tendo sido também ministro de Estado e da Defesa Nacional nos XV e XVI Governos Constitucio-

nais. De 2002 a 2005 foi membro do Conselho de Estado, membro do Conselho Superior de Segurança Interna e membro do Conselho Superior de Defesa Nacional.

Foi eleito Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, em 2001, bem como deputado ao Parlamento Europeu nas eleições europeias de 1999, e eleito Deputado à Assembleia Municipal de Arouca em 2009.

Autores



Tiago Vidal é Diretor Geral de LLORENTE & CUENCA em Portugal. Desempenhou funções de Head of Corporate Communications da Sonae Sierra, tendo nessa qualidade liderado todas as atividades de comunicação B2B nos 14 países onde a empresa está presente. Durante os 16 anos na Sonae Sierra, Tiago foi responsável pela gestão da reputação, marketing corporativo e RP, relacionamento com stakeholders, comunicação de crise e relações com meios de comunicação, apoiando o desenvolvimento da empresa, quer na atividade de negócios, incluindo OPV's e operações de fusões e aquisições, quer nas questões de rebranding, incluindo a redefinição da estrutura de negócio e posicionamento. A sua experiência inclui ainda a Gestão das Relações Públicas do Centro Comercial Colombo, Account Manager da Imago, e professor residente da disciplina de "Advanced Public Relations and Crisis Management " da European Retail Property School do International Council of Shopping Centres.

tvidal@llorenteycuenca.com



Jaime Nogueira Pinto é doutorado em Ciências Sociais pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica, onde lecionou nas áreas das Ciências Políticas e das Relações Internacionais. É Presidente da Fundação Luso-Africana para a Cultura e membro de várias instituições políticas internacionais, como a Heritage Foundation (Washington DC), Le Cercle (Londres, Inglaterra) e académico correspondente da Real Academia de Ciencias Morales y Políticas (Madrid, Espanha). Publicou várias obras essenciais sobre História contemporânea portuguesa e africana. Foi fundador da Revista Futuro Presente, diretor do jornal O Século e é colaborador regular de vários órgãos de comunicação social. Profissionalmente, é administrador e acionista de empresas na área de economic intelligence, aconselhamento estratégico (Kyron Consultores e Gaporsul) e segurança privada (Moseg/Delta Force em Moçambique).

jaimenpinto@gmail.com



André Macedo é o atual diretor do Diário de Notícias, desde agosto de 2014, depois de ter exercido o cargo de diretor da área de conteúdos económicos do grupo Controlinveste Media, atual Global Media Group. É também comentador regular na RTP. Antes, André Macedo fora o diretor-executivo do jornal i, no qual fizera parte da equipa fundadora. Para além disso, passou ainda pela direção do Diário Económico, pela revista Sábado, como chefe de redação, pelo Correio da Manhã, como editor da secção de política, pela revista Focus, como editor de económica, e pelo diário desportivo Record. No Global Media Group, André Macedo foi o fundador e diretor do projeto Dinheiro Vivo. É licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa.

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio fundador e presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Jorge Cachinero
Diretor corporativo de Inovação
jcachinero@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e diretor geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e diretor geral
acorujo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e CEO Região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO DE RH

Daniel Moreno
Gerente de RH
para Espanha e Portugal
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos
Gerente de RH
para Região Andina
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Karina Valencia
Gerente de RH
para América do Norte, América
Central e Caribe
kvalencia@llorenteycuenca.com

Cink.

Sergio Cortés
Sócio. Fundador e presidente
scortes@cink.es

Calle Girona, 52 Bajos
08009 Barcelona
Tel. +34 93 348 84 28

ESPAÑA E PORTUGAL

Barcelona

María Cura
Sócia e diretora geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e vice-presidente
Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e diretor sénior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e diretor sénior
goyo@impossibletellers.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Lisboa

Madalena Martins
Sócia
mmartins@llorenteycuenca.com

Tiago Vidal
Diretor geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Carlos Ruiz
Diretor
cruiz@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00

EUA

Miami

Alejandro Romero
Sócio e CEO América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 449 4140

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

México DF

Juan Rivera
Sócio e diretor geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, México D.F.
Tel. +52 55 5257 1084

Panamá

Javier Rosado
Sócio e diretor geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Av. Samuel Lewis.
Edificio Omega - piso 6
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

REGIÃO ANDINA

Bogotá

María Esteve
Diretora geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501
Tel. +57 1 7438000

Lima

Luisa García
Sócia e CEO Região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro.
Tel. +51 1 2229491

Quito

María Isabel Cevallos
Diretora
micevallos@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero – Edificio World Trade
Center – Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

Santiago de Chile

Claudio Ramírez
Sócio e gerente geral
cramirez@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Tel. +56 22 207 32 00

AMÉRICA DO SUL

Buenos Aires

Pablo Abiad
Sócio e diretor geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Enrique Morad
Presidente conselheiro
para o Cone Sul
emorad@llorenteycuenca.com

Daniel Valli
Diretor sénior de Desenvolvimento
de Negócios Cone Sul
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Rio de Janeiro

Yeray Carretero
Diretor executivo
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
RJ - 20011-000
Tel. +55 21 3797 6400

São Paulo

Juan Carlos Gozzer
Diretor geral
jcozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390



d+i desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Desenvolvendo Ideias é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe

Desenvolvendo Ideias.

www.desarrollando-ideas.com

www.revista-uno.com